

## INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

<sup>1</sup>, *Bruna de Cássia Suzuki, Helene H. Gama, Heloisa Aparecida dos Santos Ribeiro, Raquel Leal de Paula, Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Angélica Gomes Maia, Orientadora.*

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Paraíba/FEA, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181. kel.htinha@hotmail.com

Resumo: Este artigo se propõe discutir, refletir e apresentar as práticas de alfabetização e letramento praticadas na rede (particular) de ensino de São José dos Campos. O trabalho foi desenvolvido no módulo Alfabetização e Letramento, no 3º período do curso de Pedagogia, no presente ano, da Universidade do Vale do Paraíba, partir dos estudos teóricos das obras de Ferreiro (1984) Soares (2004), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) considerados como referências para o trabalho de alfabetização no ensino fundamental. A análise foi realizada a partir de um “kit” contendo materiais para leitura e escrita (jornais variados, panfletos, portadores textuais diversos, conta de água, luz, telefone, livros, revistas diversas) e fichas contendo situações para escrita e leitura, buscando identificar os níveis da escrita onde se encontram os alunos pesquisados, relacionando o papel da escola como promotora da inserção da criança na aquisição da lectoescrita, fazendo um contraponto entre os estudos teóricos e o contexto atual.

Palavras-chaves: Currículo, lectoescrita, psicogênese da língua escrita, estratégias didáticas

**Área do Conhecimento:** Humanas (Educação)

### 1. INTRODUÇÃO

Durante, o início da década de 80, os estudos acerca da língua escrita e da psicogênese mostraram aos educadores que alfabetização, está longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação lingüística; os anos que se seguiram, com o desenvolvimento dos estudos sobre o letramento, foram muito férteis na compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seu aprendizado.

Durante muito tempo a alfabetização foi entendida como mera sistematização do “B + A = BA”, Em uma sociedade constituída em grande parte por analfabetos e marcada por reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica que permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir/interpretar palavras (ou frases curtas) parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto.

Com o tempo, a superação do analfabetismo em massa e a crescente complexidade de nossas sociedades fazem surgir maiores e mais variadas práticas de uso da língua escrita.

Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código (SOAREAS, 2004). Por isso, aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em

benefício de formas de expressão e comunicação, reconhecidas, necessárias e legítimas em um contexto cultural.

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura compreender ativamente o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo (Ferreiro e Teberosky 1984).

Refletindo-se sobre isso, foram realizadas avaliações com crianças para observar o nível da escrita, por meio dos estudos com base da psicogênese da língua escrita, onde podemos observar a leitura e a escrita da criança. E desenvolver a partir do nível em que a criança se encontra a expandir seus conhecimentos, onde vão perceber ao decorrer do tempo o valor em que a escrita possui, tendo como um dos objetivos mostrar os processos de aprendizado do sujeito.

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Influenciada pela concepção de que o uso da escrita só é legítimo se atrelado ao padrão elitista da “norma culta, a escola tradicional sempre colocou o ensino de forma ordenada de conhecimentos: aprender a falar a língua dominante, assimilar as normas do sistema de escrita para, um dia (talvez nunca) fazer uso desse sistema em formas de manifestação previsíveis e valorizadas pela sociedade.

O processo de alfabetização incorpora a experiência do letramento. Quando questionada sobre a “novidade conceitual” da palavra

“letramento”, Emilia Ferreiro explicita assim a sua rejeição ao uso do termo:

Há algum tempo, descobriu no Brasil que se poderia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica. (2003, p. 30)

Desfazendo definitivamente com a divisão entre o “momento de aprender” e o “momento de fazer uso da aprendizagem”, os estudos lingüísticos propõem a articulação dinâmica e reversível entre “descobrir a escrita” (conhecimento de suas funções e formas de manifestação), “aprender à escrita” (compreensão das regras e modos de funcionamento) e “usar a escrita” (cultivo de suas práticas a partir de um referencial culturalmente significativo para o sujeito).

Quando permiti - se que as pessoas cultivem os hábitos de leitura e escrita e respondam aos apelos da cultura grafocêntrica, podendo inserir-se criticamente na sociedade, a aprendizagem da língua escrita deixa de ser uma questão estritamente pedagógica para colocar - se à esfera política, evidentemente pelo que representa o investimento na formação humana. Nas palavras de Emilia Ferreiro,

A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário. (2001)

Considerando os princípios de alfabetizar letrando, e o comentário acima de Emilia Ferreiro, devemos admitir que o processo de aquisição da leitura e da escrita está ligado a uma condição não só cognitiva, mas também cultural.

Expandindo o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-las com eficácia em instância públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos adequados a seus destinatários, aos objetivos ao que se propõe e aos assuntos tratados. (BRASIL, PCN,1997, p.33)

É preciso que haja, pois, condições para o letramento.

Uma delas é a escolarização real efetiva da população – só nos demos conta da necessidade de letramento quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e escrever. Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura (...). (SOARES, 2004, p. 58)

Sem a pretensão de esgotar o tema, a breve análise dos estudos sobre letramento e

alfabetização, aqui desenvolvida aponta para a necessidade de aproximar, no campo da educação, teoria e prática, e a importância de se alfabetizar letrando. Na sutura entre concepções, implicações pedagógicas, hipóteses explicativas e perspectivas de investigação.

### 3. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Privada de Ensino de São José dos Campos/SP, destinadas a educação infantil ensino fundamental I e II, Ensino Médio e técnico. Sendo uma unidade, localizada na Zona Sul da cidade, cuja comunidade escolar é bem diversificada, atendendo desde crianças de baixa renda (bolsistas) até crianças de classe média alta, tendo, aproximadamente, 650 alunos. Os dados analisados foram coletados por meio de gravações entrevistando duas professoras que atuam no 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I, e questionários adaptados aplicados de modo dinâmico, apresentando também um “kit” contendo materiais para leitura e escrita (jornais variados, panfletos, portadores textuais diversos, conta de água, luz, telefone, livros, revistas diversas), para dez crianças de oito anos do 3º ano do Ensino fundamental e cinco crianças de 6 anos do 2º ano do Ensino fundamental, sendo o foco, a livre expressão da escrita.

### 4. RESULTADOS

Dentre as quinze crianças entrevistadas pode-se observar por meio da metodologia empregada que: Todos os dez alunos do 3º ano do Ensino fundamental encontram-se alfabéticos, compreendendo o sistema de escrita, faltando apenas apropriar-se das convenções ortográficas principalmente nas sílabas mais complexas.

Já as cinco crianças do 2º ano do Ensino Fundamental encontram-se na fase silábica-alfabética, pois há momentos em que escrevem uma letra para representar a sílaba e há momentos em que escrevem a sílaba completa apresentando maiores dificuldades nas sílabas mais complexas.

Ao iniciarmos a entrevista com as crianças, apresentamos a caixa contendo diversos tipos de leitura, pegamos uma conta de água começamos a ler como se fosse um conte de fadas a criança X (2º ano), nos disse após ter dado risada: “Ai tem história? Posso ver?” Logo em seguida examinou o papel e continuou: “Isso não é história, você tá lendo errado, isso é papel de pagar.”

A criança Z, que observava tudo disse: “Isso é uma conta, e não tem como ter histórias em papel de pagar!”

A criança **X** e **Z** demonstraram conhecer diferentes tipologias textuais, sabendo onde cada uma se encontra.

Em outro momento pegamos um jornal e simulamos estar lendo uma receita de bolo, todas as crianças ficaram quietas até que a criança **Y** (3º ano) disse: "As vezes minha mãe recorta receita do jornalzinho que deixam no portão de minha casa, é um jornal pequeno diferente desse, é de supermercado, onde mostra coisas pra comprar.

No questionário adaptado em que uma das perguntas era: por que é importante aprender ler e escrever? A criança **Y** (3º ano) nos respondeu: é importante para poder aprender muito, sobre tudo ler jornais revistas coisas na rua e ter um bom emprego. Já a criança **W** (2º ano) respondendo a mesma questão colocou que: é importante pra tudo.

Em outra questão a qual perguntávamos como seria a escola de seu sonho, doze crianças nos responderam que a escola de seus sonhos era a escola que estavam. Demonstrando estarem satisfeitos com o colégio em que estudam.

Dos questionários entregues as professoras verificamos que ambas encontram-se informadas sobre o nível de escrita de seus alunos, e consideram essa informação de extrema importância para a atuação em sala de aula.

Conseguem diferenciar alfabetização e letramento e sempre leva em conta que, nem todos os alunos aprendem no mesmo momento. E que a alfabetização deve ocorrer em simultaneidade ao letramento.

## 5. DISCUSSÃO

As professoras entrevistadas fazem um trabalho contínuo com cada um dos alunos, atuam de forma a aproximar a teoria da prática, diferenciando a alfabetização do letramento, buscando alfabetizar letrando compreendendo cada aluno como um indivíduo único.

Quando perguntamos a professora **A** (3º ano) o que ela considera como letramento, ela nos responde que: "letramento é o estado ou a condição de quem sabe ou não, ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que exercem a escrita."

A professora **B** (2º ano) respondeu a mesma questão sendo um pouco mais teórica: "letramento é o estado ou condição de quem interage com diferentes tipologias e gêneros de leitura e escrita, com diferentes portadores de leitura e escrita e com as diferentes funções que a leitura e a escrita exercem na nossa vida."

Podemos perceber com essas respostas o quanto as professoras são coerentes aos nossos

estudos e a Soares (2004) que afirma que letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é um conjunto de práticas sociais ligadas a leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

A professora **A** (3º ano) ainda diz em um dos seus comentários que: "Tentamos chegar a um ideal que é alfabetizar letrando, contextualizar as práticas sociais da leitura e da escrita dando oportunidade para criança ter contato com livros jornais, revistas, cartazes, placas, de modo que cada aluno possa ser alfabetizado e letrado sendo isso algo que ocorra de forma natural."

Com esse comentário a professora enfatiza a importância de se criar um ambiente de letramento onde a escrita é necessária, mas também é uma forma de lazer.

Questionamos a professora **B** (2º ano) a respeito da atuação de professores que alfabetizam sem letrar, se isso é falta de conhecimento ou falta de esforço ela nos responde que: "Eu estou a dezoito anos atuando como professora em sala de aula confesso que no início de minha carreira atuava de forma que deixava a desejar, pois não proporcionava aos meus antigos alunos o ambiente letrado que proporciono hoje, eu apenas ensinava a aprender a ler e escrever, sendo essa leitura e escrita algo sem significado para o aluno, mas fazia isso acreditando estar educando da melhor maneira, com o tempo a prática e os muitos cursos de aperfeiçoamento pedagógico, fui aos poucos mudando minha atuação em sala de aula, percebendo a necessidade de ampliar o conceito de alfabetização, no intuito de projetar um processo crítico de aprendizagem da leitura e da escrita que pudesse ir além do conhecimento da escrita e da leitura de frases e de textos simples, mas sim ensinando aos alunos a leitura contextualizada do mundo e de tudo que as rodeiam"

Na resposta da professora **A** ao nosso questionamento, pudemos verificar que o processo de alfabetizar letrando praticado por ela é algo que nem sempre aconteceu, mas que pôde ser mudado devido a estudos e a experiência, mas atualmente a professora integra as várias dimensões do aprender a ler e a escrever. O esquema abaixo pretende ilustrar a integração das várias dimensões do aprender a ler e escrever no processo de alfabetizar letrando em que a professora também faz uso:



“Alfabetização e cultura escrita”,  
Entrevista concedida à Denise Pellegrini In *Nova  
Escola – A revista do Professor*. São Paulo, Abril,  
maio/2003, p. 27 – 30.

Figura 1

Porém, para abordar o prazer da leitura e da escrita em espaços – tempos escolares, é preciso considerar a importância da escola como um dos espaços de formação do leitor. Cumpre lembrar que, para grande parcela da nossa sociedade, muitas vezes, ela representa o único desses espaços.

## 6. CONCLUSÃO

Por meio dos objetivos propostos, dos resultados obtidos, da observação realizada e entrevista com a professora e com os alunos pode-se concluir que para desenvolver a aquisição e a apropriação da escrita pelos estudantes é fundamental que os professores tenham um compromisso verdadeiro com a valorização da realidade desses estudantes e de suas vivências. Nas práticas pedagógicas que se destinam a trabalhar os processos de aquisição e de apropriação da leitura e da escrita com real significado para esses sujeitos, é de extrema importância que a escola valorize a troca entre a realidade do aluno e os saberes escolares.

Além disso, um ambiente alfabetizador tem que ser um ambiente letrado, o qual garanta a real aprendizagem da leitura e da escrita e onde o professor deve atuar de maneira coerente.

Ao contrário do que se possa pensar, não há uma receita para que a prática de leitura se torne realidade. É preciso, apenas, que a professora alfabetizadora se vista de uma imensa sensibilidade e perca o medo de ousar.

## 7. REFERÊNCIAS

BRASIL, PCN (1ª A 4ª série) Língua portuguesa p.33, 1997

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1988

FEEREIRO, Emilia. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autentica, 2004 p 58